

Motel Cinamomo

A Rua dos Chalés era margeada por cinamomos. Plantados havia uma dezena de anos, exibiam uma grande copa de folhas bem verdes, ao longo da primavera e do verão. Nos primeiros dias de março, quando os humores do outono já se tornavam bem definidos, suas folhas começavam a amarelecer e cair, formando a seus pés, pequenos tapetes que se alteravam conforme a brisa e se tornavam mais volumosos com a chegada de abril e maio. Junho já mostrava as árvores desfolhadas, com as bolinhas que foram verdes e serviram de projéteis nos bodoques dos meninos, transformadas em fétidas bolitas gosmentas. No inverno, nus, sem vida, os cinamomos, aqui e acolá, exibiam ninhos abandonados.

Na Rua dos Chalés havia um rendez-vous. Mas aqueles eram tempos de muito ou pouco dinheiro. A democratização de certos hábitos estava distante, no futuro. A casa de encontros, de propriedade de Madame Francy, acolhia apenas senhores de nível alto – gerentes de comércio, de bancos, chefes de repartições e outros assim.

Na Rua dos Chalés moravam muitos guris, nessa época. Eram os donos dos cinamomos – cada qual possuía um. Calunga tinha o seu, que ficava à frente do portão de casa – ali, meia dúzia de passos de adultos. Arraigado, encarquilhado e rijo, durante a primavera e por todo o verão, escondia grossos ramos de onde saía o emaranhado de galhos formando uma copa notável. Era o esconderijo predileto da turma. Tão exuberante a ramagem que, caindo em direção ao solo, qual um chorão de beira-rio, construía cômodos à volta de seu pé.

Numa lânguida tarde de verão, já mais para o lusco-fusco, Calunga, da janela de seu chalé, viu algo que o deixou muito excitado: um homem e uma mulher se beijavam sôfrega, contínua e intensamente, sob a copa de seu cinamomo. Sentiu-se numa *ménage à trois*, quando notou que seu pinto levantava sua calça, em concomitância com a saia rodada, de chita estampada, que era erguida sob

o seu cinamomo.

Calunga fundiu-se àquele ato de paixão, masturbando-se.

Talvez o passar da idade tenha-lhe revelado algo muito antigo na Rua dos Chalés. Vira antes casais sob a copa dos cinamomos; mas qual os amantes que não tinham dinheiro para freqüentar o rendez-vous de Madame Francy, ele não tinha percepção para entender o que faziam. Seu ritual de passagem ocorrera, naquele instante, solitário, desassossegado, mas inesquecível.

Não foi inconfidente. Deixou para a lua, para as tardes de garoa ou as chuvosas, para lânguidos pores-do-sol e para si próprio, os encontros e desencontros do Motel Cinamomo.